



A DESINTRUSÃO DE MARÃIWATSÉDÉ: NARRATIVAS INDÍGENAS DE UM RETORNO¹

Elidio Tsõrõné Paridzané²

Marli Auxiliadora de Almeida³

RESUMO

Este artigo apresenta narrativas sobre a desintrusão do território indígena Xavante *Marãiwatsédé*, ocorrida em 2013, no estado de Mato Grosso - MT. Objetiva-se refletir as falas de indígenas que vivenciaram o processo de desintrusão do território Xavante, com destaque para a participação do indígena Cacique Damião Paridzané, que presenciou a retirada de seus parentes de suas aldeias na década de 60, do século XX, aos demais indígenas contemporâneos à desintrusão. As narrativas históricas do retorno à *Marãiwatsédé* têm como referenciais o campo da História Indígena e o método de História Oral, desvelando o papel dos Xavante como construtores de suas histórias e a continuidade de suas culturas.

Palavras-chave: Xavante - *Marãiwatsédé* - Desintrusão

ABSTRACT

This article presents narratives on the disinvestment of the Xavante *Marãiwatséde* indigenous territory, held in 2013, in Mato Grosso – MT (Brazil). The goal is to reflect statements by indigenous people who experienced the disinvestment process of Xavante territory, highlighting the participation of the native, who witnessed the withdrawal of his relatives from their villages in the 60s, to the other indigenous people contemporary to the disinvestment. Historical narratives about the return to *Marahiwatséde* have as reference the field of Indigenous History and Oral History method, which reveals the role of the Xavante as builders of their histories and protagonists of their cultures' continuity.

Keywords: Xavante - *Marãiwatséde* - Disinvestment process.

¹ O presente artigo origina-se do meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, apresentado em 2016 à Diretoria de Gestão de Educação Escolar Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, para a obtenção do título de professor Licenciado em Ciências Sociais.

² Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena, com habilitação em Ciências Sociais. E-mail <tsoroneo2015@gmail.com>.

³ Professora orientadora do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT / Campus de Barra do Bugres, e professora do Curso de Licenciatura em História e do Programa de Pós-Graduação Mestrado em História – ProfHistória/UNEMAT.

E-mail: <marli Almeida@unemat.br>.

Introdução

O povo Xavante se autodenomina *A'uweuptabi*, que quer dizer, na sua língua, gente de verdade, autêntico. Os indígenas Xavante de *Marãiwatsédé* atribuem-se a denominação de moradores de mata fechada e também explicam sua origem através de dois homens grandes: *ButséWarie Aptsi're*, que chegaram juntos ao rio Araguaia e formaram os *Po'redza'õno*.

No Brasil, um dos povos indígenas mais estudados por antropólogos, historiadores, linguistas, educadores e demais estudiosos são os Xavante, que se utilizam da tradição oral para fundamentar os mitos de origem através das falas dos mais velhos. Por isso, escrever parte da história do povo Xavante é um desafio, pois, durante a infância e a adolescência, ouvi várias narrativas sobre a retirada da família do meu pai, Damião Paridzané, de sua terra originária, *Marãiwatsédé*. Narrativas que pude entender e viver na fase adulta e partir da minha formação acadêmica no curso de Ciências Sociais, na Faculdade Intercultural Indígena da UNEMAT, quando foi possível interpretá-las a partir do lugar de fala de indígenas.

A nossa formação acadêmica nos possibilita refletir as entrevistas que foram realizadas com indígenas Xavante sobre a desintrusão *Marãiwatsédé*, relacionadas a ações políticas indígenas apontadas por Maria Regina C. de Almeida: “as relações de contato eram, então, grosso modo, de dominação/submissão, na qual uma cultura se impunha sobre a outra. Essa surpreendente previsão não aconteceu. Hoje, tornam-se mais presentes na arena política” (ALMEIDA, 2010, p.15-16).

Essas previsões de contato entre não indígenas e indígenas, geralmente vinculadas pelos colonizadores com fins de “dominação/submissão”, foram redimensionadas nesta escrita. Pois as falas dos contemporâneos ao processo jurídico final - a desintrusão, em consonância com as exigências ambientais da ECO 92 e Rio+20, proporcionaram visibilidade à “causa” Xavante, que soube realizar ações de políticas indígenas que provocaram o retorno à *Marãiwatsédé*.

O povo A'uweuptabi – Xavante e a saída da terra originária

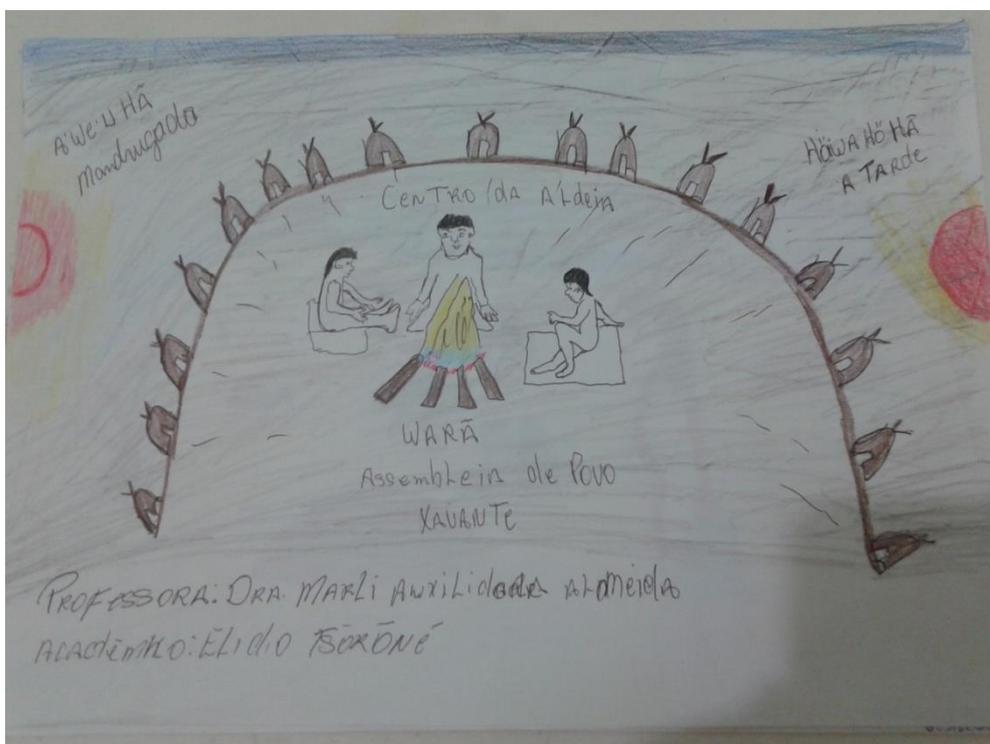
A denominação Xavante, atribuída pelos não-indígenas, é conhecida na nossa língua por *A'uweuptabi* (gente de verdade). Os indígenas mais velhos, como Cacique Damião Paridzané, narram a nossa origem através de suas memórias:

Nós, Xavante de *Marãiwatséde* - moradores de terras de mata fechada -, somos originários de dois homens grandes que chegaram juntos ao rio Araguaia, *ButséWarie Aptsi're*. Somos do povo *po'redza'õno*, que descendem dos *ButséWari*(informação verbal)⁴.

Estudos de Ciências Sociais e Humanas realizados pelos *waradzu* (homem branco) também indicam a origem dos Xavante, provenientes do povo *po'redza'õno*, pertencente à família Jê e ao tronco linguístico Macro-Jê, habitantes do Brasil Central. Dentre estes, destacamos os autores: Maybury Lewis (1984); Graham (1984); Ravagnani (1977) e Quintino (2012). Além do recente trabalho do Xavante Tsi'rui'a (2012), que corrobora essas pesquisas e destaca a autoafirmação dos Xavante como: *a'uwe* (gente). Essas literaturas servem como referências para meus estudos sobre os Xavante *Marãiwatsédé*, mas gostaria de destacar que vamos priorizar os registros de histórias contadas pelos mais velhos, os *ïhi*.

A organização social *A'uweuptabi*

Figura 01 – Desenho da aldeia *Marãiwatsédé*



Fonte: Elídio Tsörõné Paridzané (2015) – autor do desenho.

⁴ Entrevista concedida por PARIDZANÉ, Damião. **Entrevista semiestruturada** [set. 2015]. Entrevistador: Bispo Emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia (MT), Dom Pedro Casaldáliga. Cuiabá, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

No desenho de minha aldeia, *Marãiwatsédé*, destacamos dois aspectos das manifestações culturais Xavante: a noção de território e composição política. Nós, povo Xavante, escolhemos para moradia um território farto de caça e pesca. Por isso, a nossa aldeia é sempre construída próxima a um rio. As casas tradicionais da aldeia Xavante são construídas em forma semicircular, com abertura para um curso de água, sendo ocupada por grupos familiares advindos de clãs, linhagens e classes de idades, chefiadas pelos pais, pois a nossa sociedade é patrilinear, ou seja, acompanha a linhagem paterna.

Dentre as casas da aldeia, a casa mais importante para o menino Xavante é a casa dos homens (*Hö*). Os meninos passam a morar na casa dos solteiros a partir dos 12 anos, sendo preparados para o sistema de classe por idade e para contribuir para a continuidade da cultura Xavante.

Na *Hö*, os meninos participam de cantos e danças, além de caçadas e coletas coletivas. Após cinco anos recebendo os ensinamentos da cultura *A'uweuptabi* pelos seus pais, transformam-se em *ritei'wa* (rapazes), sendo permitido participar de rituais como a furação de orelha, e até se casar. A inserção definitiva dos *ritei'wa* nas decisões políticas da aldeia ocorre na fase adulta, quando se tornam *ipredu* (homem maduro), sendo inseridos como membros do *wa'ra*.

O *wa'ra* é uma reunião que ocorre no centro da aldeia duas vezes ao dia, ao amanhecer e ao anoitecer, conforme procuramos destacar no desenho. Nessa reunião e/ou conselho Xavante, objetiva-se discutir e deliberar questões que envolvem a vida na aldeia e suas relações fora dela. Compete aos anciões aconselhar os participantes do *wa'ra*, bem como exercer a liderança Xavante.

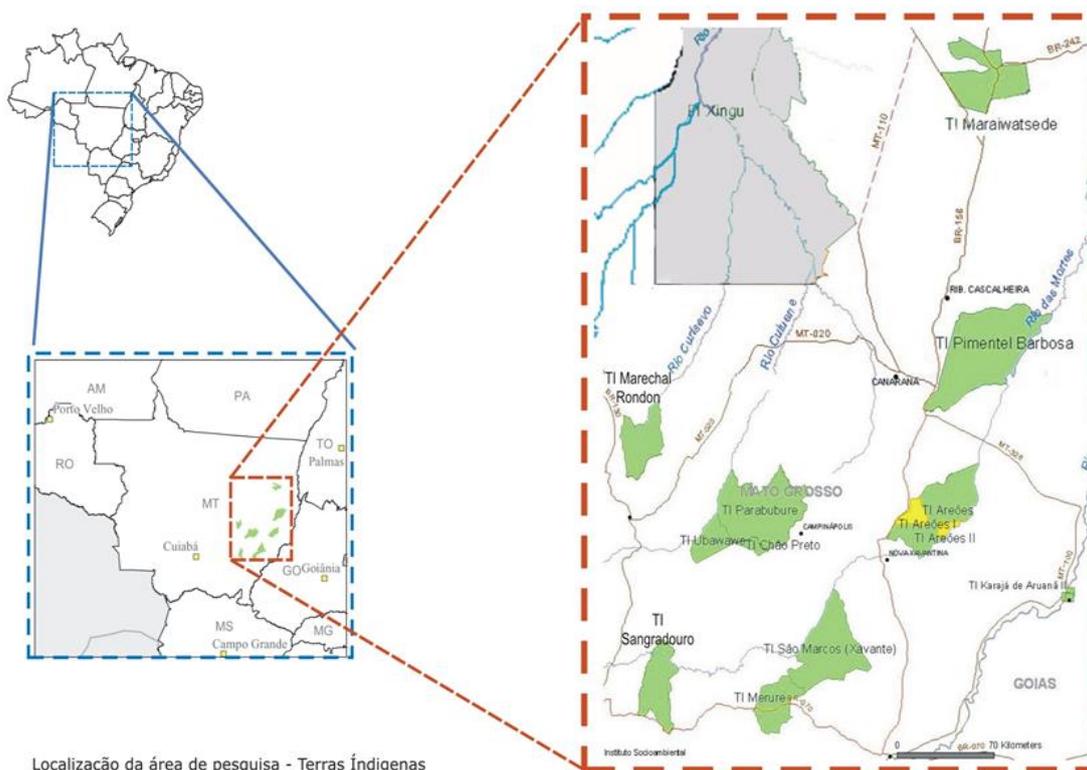
Para a continuidade da cultura Xavante, aqui entendida como “padrões de comportamentos socialmente transmitidos” (LARAIA, 2003, p.59), faz-se necessário a existência de um território. Nesse sentido, o retorno para nosso território originário, *Marãiwatsédé*, em 2013, foi fundamental para a continuidade do subgrupo Xavante *Po'redza'õno*.

A origem, localização e contato de *Marãiwatséde*

De acordo com os *ihi* (mais velhos), *Marãiwatséde* significa *mata fechada* ou *mata perigosa*. Essa visão também é indicada por pesquisadores da Antropologia, Educação e demais áreas de conhecimento. As autoras Rosa e Deluci (2013, p. 1) apontam que o significado de “mata alta” ou “mata fechada” compreende a localização de uma área de transição do cerrado para a Amazônia e na bacia do Rio das Mortes.

A Terra Indígena (T.I) de *Marãiwatsédé* teve sua homologação pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 1988. Mesmo assim, a T.I Xavante foi constantemente invadida pelo *waradzu* até o processo de desintrusão, ocorrido no ano de 2013.

Figura 02 - Mapa da Terra Indígena *Marãiwatséde*.



Localização da área de pesquisa - Terras Indígenas
Fonte: IBGE, Ibama, ISA, 2007

Fonte: Sítio eletrônico do IBGE.

O território indígena de *Marãiwatsédé*, apresentado no mapa acima, compreende o espaço de reorganização social, desde sua homologação à recente desintrusão. Pensamos a reorganização de território entendida como processo de territorialização, ou seja, um processo de reorganização social que implica a “[...] constituição de mecanismos políticos

especializados” (OLIVEIRA FILHO, 1998, p. 55) e “reelaboração da cultura e da relação com o passado” (idem, ibidem). Portanto, afirmamos que somente a partir do processo de desintrusão a territorialização e reelaboração da cultura poderão ocorrer em *Marãiwatsédé*.

O contato interétnico entre os indígenas Xavante e os não-índios foi descrito por muitos estudiosos das Ciências Sociais. Em sua maioria, pesquisadores como Giaccaria e Heide (1984) e Silva (2002) destacaram que os *waradzu* ocuparam o território *A'uweuptabi* desde o século XVIII, quando nossos antepassados ocupavam nas proximidades do mar e migraram para a região Central do Brasil.

De acordo com Ravagnani (1977), esse contato foi intensificando ao longo do século XIX, ocasionado a migração dos Xavante de Goiás para o Mato Grosso, quando nossos parentes atravessaram o rio Araguaia, ocupando a Serra do Roncador. Segundo a fala do meu tio Dario Penhõrõ, “os brancos chamaram a Serra do Roncador de morro do Xavante, ou seja, na língua Xavante, a chamamos de *aêtêwawê*” (informação verbal)⁵.

Ao longo do século XVIII e início do século XIX, os *waradzu* adentraram em território Xavante à procura de riquezas minerais, trazendo sérias perdas para o povo Xavante, principalmente de território. Na entrevista concedida pelo Xavante Zeferino, essa situação foi narrada da seguinte forma:

O Brasil descobriu os Xavante que moram [hoje] em Ribeirão Cascalheira - MT, e retornaram para a cidade de São Paulo. Os brancos os pegaram para serem escravos. Os brancos entraram atrás dos Xavante, onde hoje é Goiás. Os ancestrais viviam no mato cerrado. Foram para outra região e encontram brancos em Goiás. Eles vieram para Pirinópolis - GO e fizeram uma barraca para descansar. [...] Esses eu vou deixar, é muito pesado. A origem de Pirinópolis - Pired- Xavante. Depois chegaram em Barra do Garças (MT), e no meio tinha um boto. Eles separaram, uns ficaram no Araguaia e outros vieram para cá cuidar de nós. Os que ficaram em Goiás se tornaram os Xerente. Por isso, somos parentes. Os Xavante foram para a região do Couto Magalhães, Batovi (informação verbal)⁶.

⁵ Entrevista concedida por PENHÕRÕ, Dario. **Entrevista semiestruturada** [set. 2014]. Entrevistador: Elidio Tsõrõné Paridzané. Cuiabá, 2014. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

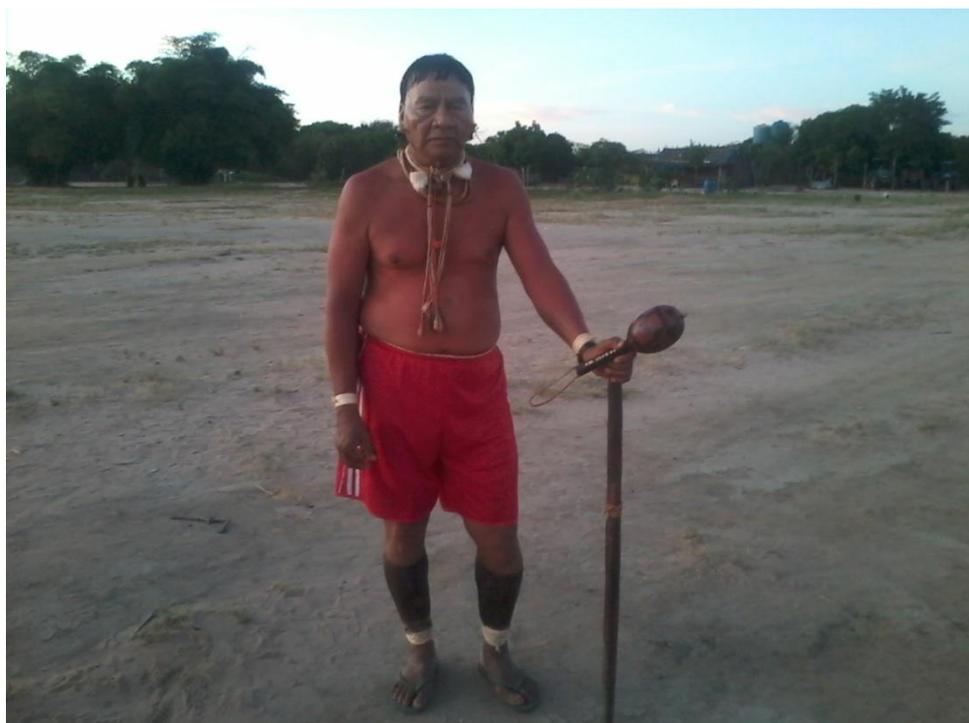
⁶ Entrevista concedida por ZEFERINO. **Entrevista semiestruturada** [set. 2015]. Entrevistador: Elidio Tsõrõné Paridzané. Cuiabá, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

No decorrer do século XX, a ocupação do território *A'uweuptabi* pelos *waradzu* aumentou. Agora, não pela procura de riquezas minerais, mas principalmente devido à utilização da terra pelas atividades econômicas da agropecuária e extrativismo. Essas atividades foram efetivadas pelo governo de Getúlio Vargas, com a proposta de integrar a região Amazônica à economia nacional através da Marcha para o Oeste. Em 1943, os irmãos Villas-Boas efetivaram esse contato através da Expedição Roncador.

Para viabilizar a ocupação das terras indígenas, os governos republicanos que antecederam Getúlio Vargas criaram o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e Localização dos Trabalhadores Nacionais em 1910. Esse órgão, que estava ligado ao Ministério da Agricultura, tinha como um de seus objetivos fundamentais a assistência aos indígenas, além de protegê-los da expansão agropecuária e extrativista.

Por outro lado, em alguns momentos, o SPI também colaborou com a ideia de inserir os indígenas como trabalhadores nacionais, causando perdas e mudanças significativas no estilo de vida de vários povos indígenas. Nós, Xavante, sofremos essas mudanças no território de *Marãiwatsédé*. Registro histórico que acompanhamos e passamos apresentar através da entrevista do Cacique de *Marãiwatsédé*, Damião Paridzané, concedida ao Bispo Emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia (MT), Dom Pedro Casaldáliga, em 2015.

Figura 03 – Fotografia do Cacique Damião Paridzané (2015).



Fonte: Acervo de ElídioTsörõnéParidzané.

O cacique Damião Paridzané narra o histórico do contato com os proponentes de transformar os indígenas em trabalhadores nacionais através da ocupação de seus territórios tradicionais pelas atividades agropastoris. Eis sua resposta à pergunta feita por Casaldáliga:

Conte-nos sobre a chegada dos não indígenas em *Marãiwatsédé*:

Ano de 1966, quando eu tinha 11 anos de idade, houve um sobrevo de um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) em *Marãiwatsédé*. No dia 01 de agosto desse mesmo ano, às 8:00 horas, a mando do governo dos militares, esse avião posou na nossa aldeia e nos levou para a aldeia de São Marcos. São Marcos era uma reserva indígena comandada pelos Salesianos. O governo aproveitou que nós não falávamos português e chegou de surpresa para tirar nossa terra. Quando fomos levados pelo avião, deixamos nossos pertences na pista. Todos subiram no avião chorando. Deixamos nossas esteiras e baquetés, deixamos tudo! Quando chegamos à aldeia Xavante de São Marcos, morreram 150 pessoas. Todo dia, toda noite morriam crianças e adultos. Foram enterrados em uma vala. Três dias depois, meu pai faleceu e meu irmão mais velho faleceu no sexto dia. Quando viram muita gente morrer, o grupo de *Marãiwatsédé* se dividiu. Um grupo foi para Sangradouro, outro para Campinópolis. Nós, jovens, ficamos na casa dos Salesianos. Eu fiquei, mas minha mãe saiu. Fiquei sozinho, sem minha família. Ficamos 22 jovens. Demorou dez anos para formar a tradição. Só em 1974 recuperamos a tradição de furação de orelhas. Fiquei dez anos sem ver minha mãe. Em 1977, saída Missão de São Marcos para Couto Magalhães. Em 1985, houve dissidência Xavante, mas a FUNAI, através de Cláudio Romero, agilizou outra área para evitar a nossa briga. Nesse tempo, eu não pensava em ser cacique. Queria só acompanhar minha mãe! O cacique Adão nos recebeu em Areões no ano de 1983, para nos aconselhar. Depois, ficamos dez anos em Pimentel Barbosa. Com vontade de defender o povo *Marãiwatsédé*, procurei a FUNAI, que, em 1986, me nomeou Cacique. Éramos 30 indígenas para decidirmos sobre a reocupação de *Marãiwatsédé*. Em 1989, peguei uma carta da FUNAI e fui à aldeia velha. Quase não tinha estrada, mas tinha uma fazenda da Agip, que era para devolver nossa terra em 1982. Resolvi ir a Brasília, conversei com Claudio Romero na FUNAI. Ele deu força para a reocupação da terra. Mas não deu certo. Tínhamos pouca condição de reocupação da terra. Para nós, a falta de devolução era uma sacanagem. Eles tinham que expulsar os fazendeiros e os posseiros. Fui para a Eco 92, a Agip disse que ia devolver nossa terra. Mas não houve devolução, sim a revenda de nossa terra para outro fazendeiro. Nessa situação política, governadores e posseiros invadiram a área de *Marãiwatsédé*. Essa história é muito triste. Ficamos 32 sem nossa terra (informação verbal)⁷.

⁷ Entrevista concedida por PARIDZANÉ, Damião. **Entrevista semiestruturada** [set. 2015]. Entrevistador: Bispo Emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia (MT), Dom Pedro Casaldáliga. Cuiabá, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

A narrativa do Cacique Damião Paridzané sobre o contato dos Xavante com agentes da sociedade nacional a partir da década de 1960, que trouxe perdas territoriais e culturais para nós, *A'uweuptabi*, também foi descrita pelo senhor Paulo Jaciel Tsereduma, ao responder à seguinte pergunta: **Como foi a ocupação Marãiwatséde após a retirada dos parentes Paridzané?**

O primeiro contato (registrado) pelo *waradzu* se deu no início da década de 1950. Foi quando se estabeleceu na região um homem chamado Ariosto da Riva. Esse senhor, intitulado por alguns como “o último dos bandeirantes”, era um paulista que saiu do interior do estado para o Mato Grosso. Seu objetivo era desbravar “novas terras”, abrindo caminhos que até então, imaginava-se, nenhum outro ser humano havia percorrido. Ariosto foi o primeiro invasor que se tem registro do atual território indígena *Marãiwatséde*. Os Xavante mais velhos lembram que, antes de serem expulsos de sua terra, muitos parentes foram assinados pelos *waradzu* (informação verbal)⁸.

A ocupação do território de *Marãiwatséde* pelo colonizador Ariosto da Riva, relatada por Tsereduma, a exemplo do relato de Paridzané, demonstra a política indigenista instituída no governo militar, quando vários territórios e indígenas foram vistos como espaços e pessoas que deveriam ser integrados na economia capitalista. Ainda segundo estudo desenvolvido por Tsereduma (2012) junto aos Xavante, entre as décadas de 1950 e 1960, os indígenas Xavante habitavam a aldeia *étêra'urá*, sendo transferidos pela FAB para a aldeia São Marcos, onde viveram de 1966 a 1968. Depois se mudaram para a aldeia Areões, ficando lá de 1978 a 1993. Em seguida, foram morar na aldeia Água Branca, permanecendo nesse local de 1983 até 2003, quando resolveram retomar *Marãiwatséde* no ano de 2004.

Ao estudar o contato entre os Xavantes e não indígenas, a antropóloga Aracy Lopes da Silva confirma os relatos de Paridzané e Tsereduma. Segundo a autora, os indígenas de *Marãiwatséde*, que habitavam as proximidades do rio *Suiá-Missu* foram transferidos para a aldeia de São Marcos pela FAB e com ajuda dos salesianos, perdendo suas terras para um grupo italiano (SILVA, 2002, p. 372).

⁸ Entrevista concedida por TSEREDUMA, Jaciel. **Entrevista semiestruturada** [set. 2015]. Entrevistador: Elidio Tsõrõné Paridzané. Cuiabá, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

Assinala também que o grupo italiano (AGIP), nos anos 1980, propôs devolver parte das terras aos Xavante de *Marãiwatsédé*. Esse ato ganhou força na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, a ECO 92, quando os indígenas Xavante pressionaram autoridades nacionais e internacionais para a devolução de suas terras. Mas essa devolução não aconteceu e muitos *waradzu*, nominados pelo Cacique Damião (governantes e posseiros), reocuparam *Marãiwatsédé*.

A luta dos Xavantes para o retorno ao seu território continuou ao longo de décadas. Podemos acompanhar um pouco dessa luta na resposta à pergunta de Casaldáliga ao Cacique Damião: **Como ocorreu o retorno às suas terras?**

Em 1995, fui à Brasília e o Ministro prometeu que ia nos ajudar na retomada de nossa terra. Os deputados diziam que os índios não podiam voltar. Mas insistimos, batalhamos junto aos advogados. A primeira sentença saiu a favor dos fazendeiros. Na segunda vez foi que a FUNAI conseguiu (informação verbal)⁹.

O Cacique Damião refere-se ao benefício da homologação da T.I, pelo Governo Federal, em 1998. Estudos da FUNAI apontam que a área da de *Marãiwatséde* soma 165 mil hectares, abrangendo parte dos territórios dos municípios de Alto Boa Vista, Bom Jesus do Araguaia e São Félix do Araguaia, no Norte do Mao Grosso. Enquanto não se efetivava a demarcação da T.I, muitos posseiros adentravam o território indígena.

Ainda sobre a resposta do Cacique Paridzané à pergunta de Casaldáliga em relação aos momentos que antecederam a desintrusão:

Quando retornei de Brasília, preparamos para retomar nossa terra. Perdemos a decisão, os invasores destruíram a natureza. Em 2001, 2002, cobrei de Brasília. Vieram 40 pessoas para ver a área. Houve muita pressão de políticos. Perdemos a ação. Em 11 de novembro, consegui mais recursos. Resolvemos ocupar a rodovia, levando as crianças. A FUNAI ajudou com a alimentação. Fui à aldeia São Marcos conversar com nossos parentes. A estratégia foi reocupar à noite, por volta das 20:00 horas. Houve aviso de um cara de Serra Dourada, dizendo que um grupo de posseiros fez barreira. Quase houve conflito em 2003. Resolvemos pegar crianças, mulheres, fomos montar acampamentos provisórios. Passamos frio, poeira. Morreram crianças.

⁹Entrevista concedida por PARIDZANÉ, Damião. **Entrevista semiestruturada** [set. 2015]. Entrevistador: Bispo Emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia (MT), Dom Pedro Casaldáliga. Cuiabá, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

Ficamos dentro da área. Os posseiros estavam todos armados. Guardaram as armas em posto da Mata da Mata (informação verbal)¹⁰.

A partir do fracasso da retomada de sua terra tradicional, os Xavante resolveram acampar nas proximidades da fazenda Karu, às margens da BR-158. Eram aproximadamente 500 pessoas, que formaram um grupo de resistência, de novembro de 2003 a agosto de 2004. Resistência esta que criou novas situações de acampamentos provisórios nas rodovias e ações políticas em eventos nacionais e internacionais, exigindo a desintrusão de *Marãiwatsédé*.

A desintrusão

Figura 04 – Fotografia do Cacique Damião Paridzané na Conferência das Nações Unidas, Rio +20.



Fonte: Acervo de Elídio Tsörõné Paridzané.

A participação do Cacique Damião nas duas Conferências da Organização das Nações Unidas - ONU foi fundamental para visibilizar a situação dos Xavante para o Brasil e para o mundo. Quando ocorreu a Rio+20, em 2012, as mazelas vivenciadas pelos Xavante ganharam expressão mundial. Após quase nove meses vivendo em condições sub-humanas às margens da BR-158, em 2012, os Xavante receberam a notícia de reintegração de posse de *Marãiwatsédé*.

¹⁰Entrevista concedida por PARIDZANÉ, Damião. **Entrevista semiestruturada** [set. 2015]. Entrevistador: Bispo Emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia (MT), Dom Pedro Casaldáliga. Cuiabá, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

O Cacique Damião, ao responder à pergunta de Casaldáliga: **Descreva a desintrusão de Marãiwatsédé**, narrou o seguinte:

Chegou a boa notícia, agora a Justiça deu a sentença. Nós já estávamos preparados, pintados desde as 8:00 horas da manhã. Íamos entrar na marra, com a coragem Xavante. Mas, às 16:00 horas da tarde, saiu a decisão a favor dos indígenas Xavante. A FUNAI mandou a cópia de ofício com a sentença da decisão da Justiça. Já estávamos no caminhão, cheio de gente e bagagem para retomarmos nossa terra. Mas, com a chegada da boa notícia, a FUNAI e a Polícia Federal nos acompanhou. Pegamos um guerreiro, um caminhão caçamba e fechamos a fazenda Karu. A notícia da retomada de nossas terras não foi bem recebida pelos brancos de Posto da Mata. Fomos insultados e perseguidos quando íamos ao mercadinho localizado lá. Foi necessário o reforço da Polícia Federal, para a realização da desintrusão de *Marãiwatsédé* (informação verbal)¹¹.

Algumas considerações sobre a desintrusão

Segundo dados da FUNAI, a desintrusão da Terra Indígena *Marãiwatsédé* foi concluída em janeiro de 2013. Por outro lado, faz-se necessário apresentarmos o resultado da desintrusão para os não-índios, para que a sociedade mato-grossense, brasileira e até mundial saiba que houve uma política de acolhimento para os posseiros, evitando um julgamento negativo pela devolução do que é nosso por direito.

O Governo Federal realizou um cadastramento e selecionou 271 famílias para o Programa Nacional de Reforma Agrária. Desse total, 97 famílias da área urbana “Posto da Mata” foram para o Assentamento Casulo Vida Nova. Elas receberam recursos de Crédito Apoio Inicial / Alimentação e Fomento no valor de R\$ 3.2 mil por família. O Governo Federal repassou para a prefeitura de Alto Boa Vista recursos de R\$ 249.262,59 para a urbanização local. O programa Luz para Todos também já foi acionado para a instalação de energia elétrica no assentamento. Na época da desintrusão, os posseiros não aceitaram ser deslocados para o Assentamento Santa Rita, que foi ofertado (FUNAI, 2013).

Podemos afirmar que o nosso retorno não foi muito tranquilo, mas, em compensação, foi uma recompensa para nossas vidas, para a continuidade dos *A'uweuptabi*. Como visualizamos

¹¹Entrevista concedida por PARIDZANÉ, Damião. **Entrevista semiestruturada** [set. 2015]. Entrevistador: Bispo Emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia (MT), Dom Pedro Casaldáliga. Cuiabá, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

nas fotografias retiradas em *Marãiwatsédé* após nosso retorno, que demonstram a nossa capacidade de reorganização em manifestações culturais e o restabelecimento da natureza com o reflorestamento.

Figura 05 - Reflorestamento de Marãiwatsédé.



Fonte: Acervo de ElídioTsörõné Paridzané.

A possibilidade do registro e da divulgação de parte da história dos Xavante de Mato Grosso, pontualmente a desintrusão de *Marãiwatséde*, sob o olhar indígena, trouxe-me uma sensação de “empoderamento”, sobretudo a visibilidade dada ao meu povo.

Estes que, por muito tempo, foram alijados do que é mais sagrado para a sua existência: seu território. Mas que se mostraram pacientes, perseverantes e ágeis no trato com os órgãos governamentais e sociais para a retomada de sua terra.

Agora, como professor Xavante, posso ajudar a reescrever a história de *Marãiwatsédé*, inserindo-a no currículo escolar e circulando essa escrita no meio acadêmico. Definitivamente, construímos políticas indígenas que, mesmo com a violência do contato efetuado pelos *waradzu* aos nossos antepassados, nos tornou capazes de continuarmos *A'uweuptabi*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Regina. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Política indigenista do século XIX. In: _____ (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras/SMC, 2002.
- FUNAI (2013) – Sites: Disponível <http://maraiwatsede.org.br/content/www.funai.br>
https://www.google.com.br/search?q=Mapa+Marãiwatséde&rlz=1C2VFKB_enBR658BR658&biw=1093&bih=479&tbm=isch&imgil=t7ghijIwVBDxEM%2. Acesso jan-2015.
- GIACCARIA, B.; HEIDE, A. **Xavante: povo autêntico**. Brasília: Editorial Dom Bosco, 1984.
- GRAHAM, Laura. Os Xavante. In: GOMES *et al.* **Dossiê Índios em Mato Grosso**. Cuiabá: OPAN/CIMI, 1984.
- LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- MAYBURY-LEWIS, David. **A Sociedade Xavante**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (Org). **Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1998.
- QUINTINO, Wellington P. **Aspectos da fonologia xavante e questões relacionadas: rinoglotalia e nasalidade**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.
- RAVAGNANI, Oswaldo Martins. **A experiência xavante com o mundo dos brancos**. 1977. 235f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo.
- ROSA, Luciene; DELUCI, Luciana. AbahiDuréAbawa: estratégia do A'uwẽMarãiwatsédé para revisitação do território ancestral. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL, 27, 2013, Natal. **Anais...** Natal, RN: ANPUH. Disponível em:
<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371346892_ARQUIVO_ANPUH2013a_rtigoparaenvioLUCIENEDEMORAISROSAMODIFICADOSemresumo.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.
- SILVA, Aracy Lopes da. Dois séculos e meio de História Xavante. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras/SMC, 2002.
- TSI'RUI'A, Aquilino Tsere'ubu'õ. **A sociedade Xavante e a educação: um olhar sobre a escola a partir da pedagogia Xavante**. 2012. 258f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.

Fontes orais

PARIDZANÉ, Damião. **Entrevista semiestruturada** [set. 2015]. Entrevistador: Bispo Emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia (MT), Dom Pedro Casaldáliga. Cuiabá, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

PENHÕRÕ, Dario. **Entrevista semiestruturada** [set. 2014]. Entrevistador: ElidioTsõrõnéParidzané. Cuiabá, 2014. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

TSEREDUMA, Jaciel. **Entrevista semiestruturada** [set. 2015]. Entrevistador: ElidioTsõrõnéParidzané. Cuiabá, 2012. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

ZEFERINO. **Entrevista semiestruturada** [set. 2015]. Entrevistador: ElidioTsõrõnéParidzané. Cuiabá, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).